

Europeus baixam taxa de desconto

Carlos Brezina
Da UPI

Washington — Os Estados Unidos ofereceram ontem o cachimbo da paz à Alemanha Ocidental depois que Bonn anunciou a redução na sua taxa de desconto e a adoção de medidas de estímulo, o que colocou um fim, pelo menos por enquanto, na guerra econômica que provocou o colapso das bolsas mundiais e a queda livre do dólar.

O Bundesbank, o Banco Central alemão, baixou ontem sua taxa de desconto de 3 para 2,5%, em vigor a partir de hoje. Na quarta, o Governo já havia adotado um pacote destinado a elevar o crescimento interno de sua economia de um misero 1,5% para um não muito brilhante 2%. A medida tomada pelo Bundesbank foi seguida por uma baixa coordenada dos interesses de outros cinco bancos centrais (Grã-Bretanha, França, Áustria, Suíça e Holanda) e dos bancos privados britânicos.

Cortes

O banco da Holanda reduziu sua taxa de desconto de 4 para 3,75% o Banco da Áustria baixou a sua taxa de desconto e a taxa lombarda em 0,5% cada uma, ficando em 3 e 4,5%. O Banco da França cortou a sua taxa de intervenção bancária e sua taxa de desconto e a taxa lombarda em 0,5% cada uma, ficando em 3 e 4,5%. O Banco da França cortou a sua taxa de intervenção bancária e sua taxa de recompra de empréstimos de sete dias para 7,75 e

8,25%, respectivamente, e vários bancos privados de Londres também reduziram suas taxas básicas de 9 para 8,5%.

O secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, que cumpriu a ameaça de deixar cair o dólar se a Alemanha relutasse em fazer o que acabou fazendo, ofereceu ontem o cachimbo da paz ao governo alemão. "Baker está encantado com o anúncio do Bundesbank e outros bancos centrais europeus", disse um porta-voz do Tesouro em Washington.

"A redução da taxa de desconto de Bundesbank e dos outros bancos centrais europeus constituiu um recorde nos pós-guerra, o que, junto com as medidas anunciadas anteriormente pela República Federal da Alemanha, vai ajudar a reforçar o crescimento da Europa e reduzir os desequilíbrios comerciais", disse Baker em uma óbvia referência ao astronômico déficit comercial norte-americano.

Tais medidas, acrescentou ele, "representam uma importante contribuição aos nossos esforços internacionais de coordenação das políticas econômicas".

Estímulo

A atitude do Bundesbank traduziu-se em um forte estímulo ao dólar, que nas últimas semanas caiu em todo o mundo, por ter tornado os investimentos em marco um pouco menos atraentes.

A taxa de desconto, que havia sido reduzida a 3% em janeiro, é a taxa cobrada por um banco central

para os empréstimos de curto prazo a bancos privados, empregando títulos governamentais como garantia. A taxa de 2,5% é a mais baixa já adotada pelo banco alemão, que não havia descido a menos de 3% desde 1959.

A taxa lombarda do Bundesbank já havia caído de 5 para 4,5% como resposta ao colapso das bolsas mundiais, no fatídico 19 de outubro. No domingo, 18 de outubro, foi divulgada a ameaça de Baker, de que o dólar teria uma queda livre se a Alemanha não aceitasse estimular sua economia interna e reduzir suas taxas de juros.

A "segunda-feira negra" de 19 de outubro espalhou o pânico porque havia a possibilidade de que um dólar muito baixo elevasse a inflação e a recessão nos principais mercados financeiros internacionais. O pânico, por sua vez, produziu a maior baixa da história da Bolsa de Nova Iorque, imediatamente seguida pelo colapso nas outras bolsas mundiais. Mas a Alemanha se mantinha firme em exigir de Washington que primeiro reduzisse seu déficit orçamentário ou elevasse suas taxas de juros, antes de tomar as medidas internas preconizadas por Baker.

Os Estados Unidos provocariam uma recessão no país — ou deixá-la baixa, para garantir seu crescimento, mas permitir que o dólar caísse no exterior. Hoje tudo isso ficou, pelo menos temporariamente, no passado.